



REVISTA ESPAÇO DE DIÁLOGO E DESCONEXÃO  
Link: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/index>

## TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS: ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NA PESQUISA INTERDISCIPLINAR SOBRE O CUIDADO ÀS PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS

MENESES, *Aérica de Figueiredo Pereira*<sup>1</sup>; FUENTES-ROJAS, *Marta*<sup>2</sup>; D'ANTONA, *Álvaro de Oliveira*<sup>3</sup>

ID ORCID: <sup>1</sup><https://orcid.org/0000-0002-3213-6848>; <sup>2</sup><https://orcid.org/0000-0003-1759-4944>; <sup>3</sup><http://orcid.org/0000-0003-1710-6277>

\*Autor para correspondência e-mail: [aericafpm@gmail.com](mailto:aericafpm@gmail.com); [marta.fuentes@fca.unicamp.br](mailto:marta.fuentes@fca.unicamp.br); [alvaro.dantona@fca.unicamp.br](mailto:alvaro.dantona@fca.unicamp.br)

### Palavras-chave

Triangulação de métodos  
Pesquisa interdisciplinar  
HIV/AIDS

### Keywords

Triangulation of methods  
Interdisciplinary research  
HIV/AIDS

### Palabras clave

Triangulación Del Métodos  
Investigación Interdisciplinaria  
Vih/Sida

### RESUMO

O presente estudo teve por objetivo analisar o uso da triangulação de métodos como estratégia de pesquisa interdisciplinar, com base no relato de experiência de uma investigação sobre o cuidado às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS no campo da saúde pública. Inicialmente, discutiu-se sobre a triangulação de métodos, destacando o quanto essa estratégia de pesquisa surge como um meio de superar dicotomias, cruzando múltiplos pontos de vista. Em seguida, apresentou-se o relato da aplicação desta estratégia de pesquisa em uma investigação sobre o cuidado àqueles sujeitos, com profissionais de saúde e gestores de três Serviços de Atenção Especializada. Por fim, concluiu-se que a triangulação de métodos demonstrou ser adequada para pesquisas interdisciplinares, favorecendo um olhar multidimensional para a complexidade do problema de pesquisa, possibilitando a utilização de diferentes técnicas de coleta de dados, cujo resultado viabilizou compreender o objeto de estudo a partir de diferentes perspectivas.

### ABSTRACT

#### TRIANGULATION OF METHODS: METHODOLOGICAL STRATEGY IN INTERDISCIPLINARY RESEARCH ON THE CARE OF PEOPLE LIVING WITH HIV/AIDS

The present study aimed to analyze the use of triangulation of methods as an interdisciplinary research strategy, based on the experience report of an investigation on the care of People Living with HIV / AIDS in the field of public health. Initially, we discussed the triangulation of methods, highlighting how this research strategy emerges as a means of overcoming dichotomies, crossing multiple points of view. Then, the report of the application of this research strategy was presented in an investigation in the care of those subjects, with health professionals and managers of three Specialized Attention Services. Finally, it was concluded that the triangulation of methods proved to be adequate for interdisciplinary research, favoring a multidimensional look at the complexity of the research problem, allowing the use of different data collection techniques, whose result made it possible to understand the object of study at From different perspectives.

### RESUMEN

#### TRIANGULACIÓN DE MÉTODOS: ESTRATEGIA METODOLÓGICA EN LA INVESTIGACIÓN INTERDISCIPLINAR SOBRE EL CUIDADO A LAS PERSONAS VIVIENDO CON VIH / SIDA

El presente artículo tuvo por objetivo analizar el uso de la triangulación de métodos como estrategia de investigación interdisciplinaria, con base en el relato de experiencia de una investigación sobre el cuidado a las personas viviendo con VIH / SIDA en el campo de la salud pública. Inicialmente, se discutió sobre la triangulación de métodos, destacando cuánto esta estrategia de investigación surge como un medio de superar dicotomías, cruzando múltiples puntos de vista. A continuación, se presentó el relato de la aplicación de esta estrategia de investigación en una investigación sobre el cuidado a aquellos sujetos, con profesionales de salud y gestores de tres Servicios de Atención Especializada. Por último, se concluyó que la triangulación de métodos demostró ser adecuada para investigaciones interdisciplinares, favoreciendo una mirada multidimensional para la complejidad del problema de investigación, posibilitando la utilización de diferentes técnicas de recolección de datos, cuyo resultado viabilizó comprender el objeto de estudio desde diferentes perspectivas.

<sup>1</sup> Mestra pelo programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), É integrante do grupo de Pesquisas do Laboratório de Psicologia, saúde e comunidade (LAPSIC), atualmente integra o grupo de pesquisa do projeto - Políticas Sociais em Contexto Federativo, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA/Brasília).

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Pós-doutorado junto ao Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero - NEMGE, da Universidade de São Paulo - USP. Atualmente, docente da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP- Limeira.

<sup>3</sup> Mestre em Antropologia e Ciências Sociais (doutorado em Estudos de População, 2003; pós-doutorado em População e Ambiente, 2004). Livre-docente da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA-Unicamp), credenciado no Programa de Pós-graduação de Demografia (IFCH/Unicamp) e no mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (FCA/Unicamp)., Coordenador de Pós-Graduação da FCA. Entre 2013 e 2017, Diretor Associado da FCA-Unicamp. Desde 2017, Diretor da FCA-Unicamp.

**O** presente artigo propõe uma reflexão sobre as potencialidades e os limites da utilização da triangulação de métodos como estratégia de pesquisa interdisciplinar. Trata-se de um estudo teórico, complementado por um relato de uma experiência de pesquisa, realizada em nível de mestrado, sobre o cuidado às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHAs), cuja função foi ilustrar e analisar o uso da triangulação de métodos no campo de pesquisa interdisciplinar.

Existem diferentes métodos e diferentes tipos de pesquisas, bem como diferentes modos de fazer ciência. Tais ações surgiram com o advento da modernidade, que definiu os meios práticos e as ferramentas para lograr os resultados (GIDDINGS, 2006). O sonho cartesiano era obter apenas um método que resolvesse tudo – ideia falaciosa, considerando a incapacidade de um único caminho para responder a todas as questões de investigação. Neste sentido tal movimento não permaneceu isento de críticas e foi, então, que na própria modernidade, surgiu a sua antítese: a crítica na crença metodológica (GURGEL, 2007).

Acompanha-se, a partir daí, o surgimento de outros modelos de pesquisas – mais dinâmicos –, como, por exemplo, aqueles que combinam diferentes métodos e meios na busca por resultados que ofereçam uma melhor compreensão do objeto de pesquisa. Entre eles têm-se: os multiparadigmas, as multiplicidades de métodos, a bricolagem metodológica, a combinação de teorias e métodos, a triangulação de métodos, entre outros, tendo em comum a combinação de diferentes abordagens de investigação, sendo descritos, usualmente, pelo termo “métodos mistos” (GURGEL, 2007).

Por método misto entende-se o tipo de pesquisa científica onde o pesquisador mistura ou combina técnicas, métodos, abordagens, conceitos ou linguagem em um único estudo (JOHNSON; ONWUEGBUZIE, 2004). Conforme Axinn e Pearce (2007), tem-se aí uma estratégia de coleta de dados projetada para combinar elementos de um método com elementos de outros, oferecendo oportunidades especiais para fazer uso de múltiplas fontes de informação, a partir de múltiplas abordagens, a fim de lograr novas descobertas.

Os métodos mistos de pesquisa são também uma tentativa de legitimar o uso de múltiplas abordagens visando responder questões de investigação. Assim, possibilitam uma forma expansiva e criativa de fazer pesquisa, sendo inclusiva, plural e complementar (JOHNSON; ONWUEGBUZIE, 2004).

Em muitos casos, a meta de fazer uso de métodos mistos não é a busca de validação, mas, um meio para expandir a compreensão (JOHNSON; ONWUEGBUZIE, 2004). Entre o uso de métodos mistos em pesquisas científicas, tem-se a triangulação de métodos que é abordada ao longo deste artigo.

O presente artigo foi estruturado com o intuito de discutir sobre o uso da triangulação de métodos, enquanto estratégia de pesquisa. Assim, para uma compreensão mais abrangente, a princípio, tem-se a apresentação dos aspectos sobre o conceito de triangulação de métodos e os motivos que fazem com que tal estratégia de pesquisa seja adequada para as investigações de caráter interdisciplinar. Em seguida, tem-se o relato de uma pesquisa que fez uso desta estratégia de pesquisa enquanto pressuposto metodológico, destacando as vicissitudes do campo e as ferramentas utilizadas. Por fim, discute-se sobre os limites e as potencialidades do emprego do uso da triangulação de métodos.

### A TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS E A PESQUISA INTERDISCIPLINAR

A triangulação de métodos não é um método em si, mas, uma estratégia de pesquisa que combina métodos, teorias, dados e investigadores, “servindo e adequando-os a determinadas realidades, com fundamento interdisciplinar” (MINAYO et. al., 2005, p. 71). Neste sentido, triangular é combinar e cruzar múltiplos pontos de vista, integrando a visão de vários informantes e empregando uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha a pesquisa (MINAYO, 2005).

A origem do termo “triangulação” não advém das Ciências Humanas e das Ciências Sociais, mas sim, da topografia e da navegação, cujo uso era para designar um método que possibilitasse identificar um ponto “C”, a partir de medidas e ângulos já definidos entre dois pontos “A” e “B”. Aqui, o uso do termo ocorre de forma literal, onde tais pontos formam, entre si, um triângulo (DUARTE, 2009).

Nas Ciências Sociais e nas Ciências Humanas, o emprego do referido termo aparece de modo ambíguo e, como adverte Duarte (2009), quase nada carrega de seu sentido literal, sendo comumente utilizado para designar a utilização de mais de um método ou instrumento de coleta de dados em um mesmo estudo (VASCONCELOS, 2014).

O termo “triangulação”, enquanto estratégia metodológica, começou a ser construído em 1959 por Campbell e Fiske, no campo da Psicologia, com o intuito de fazer uso de diferentes técnicas para validar os seus resultados, a partir daquilo que os autores identificaram como a convergência entre os dados (DUARTE, 2009). Em 1966, outros quatro pesquisadores (Webb, Campbell, Schwartz e Sechrest) ampliaram tal compreensão ao defender que o emprego de diferentes técnicas em um mesmo estudo “melhoraria a validade dos resultados” (DUARTE, 2009, p. 11).

Inicialmente, conforme destacam Vasconcelos (2014) e Teixeira, Nascimento e Carrieri (2012), o uso da triangulação era empregado para validar os resultados convergentes de uma determinada pesquisa, conferindo-lhe maior precisão e confiabilidade, sobretudo, na pesquisa qualitativa.

Com o intuito de aumentar a credibilidade da pesquisa, Jick e Flick também reafirmaram a triangulação de métodos enquanto meio de garantir a validade do estudo, conferindo-lhe um maior rigor científico e a possibilidade de aprofundar e enriquecer o conhecimento (GURGEL, 2007).

Visando ampliar o conceito de triangulação, em 1989, Denzin propôs quatro tipos de triangulação, quais sejam: 1) triangulação de dados; 2) triangulação de métodos; 3) triangulação de investigadores; e, 4) triangulação de teorias (SANTOS, 2009b; DUARTE, 2009). Vale destacar que sua compreensão muito influenciou os estudos desenvolvidos no Brasil, que fez uso dessa estratégia de pesquisa (GURGEL, 2007).

Mas, como bem questiona Duarte (2009), teria a triangulação o propósito tão somente de validar dados, ou teria algo mais para contribuir na pesquisa científica?

A fim de responder tal questionamento, Duarte (2009) recorre a alguns autores cuja concepção de triangulação é utilizada não apenas em uma perspectiva de validação de dados (também nomeada de perspectiva confirmatória), mas, sobretudo, em uma perspectiva de complementariedade. Nesta última, considera-se que todos os dados, teorias, métodos e técnicas têm sua limitação e suas vantagens, e a integração de diferentes perspectivas seria um meio de superar as deficiências de cada método, maximizando as informações e possibilitando uma maior compreensão do fenômeno estudado (PARANHOS et. al., 2016; DUARTE, 2009; MINAYO et. al., 2005).

Tal perspectiva reforça uma compreensão de triangulação de métodos que favorece um diálogo entre as técnicas, os métodos e os instrumentos utilizados em um mesmo estudo, o que remete à ideia de Deslandes e Assis (2002) ao discutirem sobre os modelos mais frequentes utilizados para integrar os diferentes recursos em estudos mistos.

Para aquelas autoras, a referida integração pode ser realizada a partir de três modelos diferentes, a saber: 1) por domínio; 2) por justaposição; e, 3) por diálogo. A integração por domínio é marcada pela prioridade de uma das abordagens metodológicas sobre as outras. Já a integração por justaposição tem como principal característica a ausência de prioridade de uma das abordagens metodológicas, sendo os resultados neste tipo de estudo produzidos separadamente e, posteriormente, integrados e comparados. Por fim, tem-se a integração por diálogo, que é marcada pela integração entre as abordagens desde o desenho da pesquisa e a construção do objeto até a confecção do relatório final. Nesta última – denominada perspectiva de interdisciplinaridade – tem-se a exigência de um esforço processual diante da sua complexidade.

Os três modelos supramencionados, embora sejam diferentes entre si, podem aparecer em um único estudo concomitantemente, o que reforça que um modelo não se sobrepõe ao outro e, quando empregados no universo da pesquisa científica, trazem suas contribuições, favorecendo, em alguns momentos, uma perspectiva mais compreensiva do fenômeno estudado, ou ainda, uma perspectiva de validação de dados.

É nesse sentido que “a triangulação de métodos é, portanto, um instrumento que permite iluminar a realidade sob vários ângulos, como um prisma, demonstrando maior clareza teórica e aprofundamento da interdisciplinaridade, interativa e intersubjetiva” (GURGEL, 2007).

Diante do exposto, é possível questionar: o uso da triangulação garante que um estudo seja interdisciplinar? Para tanto, é preciso ter discernimento que apenas o uso da triangulação de métodos não garante que um estudo seja considerado interdisciplinar, o que ocorre por dois motivos, quais sejam: 1) tal estratégia de pesquisa pode ser utilizada dentro de uma única disciplina; e, 2) apenas incluir diversos métodos em um único estudo não é sinônimo de um diálogo entre as diferentes disciplinas que abordam e estudam aquele fenômeno.

A interdisciplinaridade pode ser definida como a integração de diferentes saberes e disciplinas no tratamento

de investigação de um determinado problema (MINAYO, 2010). Ela é integrante de uma família de quatro elementos: “pluridisciplinaridade”, “multidisciplinaridade”, “interdisciplinaridade” e “transdisciplinaridade”. Sobre esses termos, que possuem significados, compreensões e aplicações distintas, uma boa alternativa para compreender o significado destes é entender que todos partem da mesma palavra: “disciplina”.

Disciplinas que se pretendem juntar: multi, pluri, a ideia é a mesma: juntar muitas, pô-las ao lado uma das outras. Ou então articular, pô-las inter, em inter-relação, estabelecer entre elas uma ação recíproca. O sufixo trans supõe um ir além, uma ultrapassagem daquilo que é próprio da disciplina (POMBO, 2005, p. 5).

Assim, independente do significado isolado dos termos supramencionados, o que se pode identificar é uma tentativa de superação da disciplinaridade. Para uma compreensão mais concreta, recorre-se a metáfora dos pássaros, de Dámbrosio (2007), que destaca como ocorre a troca entre as disciplinas nos termos em questão. Para aquele autor, as disciplinas devem ser compreendidas como gaiolas, e o conjunto de várias gaiolas resultariam na plúri/multidisciplinaridade. Os pesquisadores seriam os pássaros que, na interdisciplinaridade, passariam a não estar mais dentro das gaiolas, mas voante por entre elas. *In fine*, a transdisciplinaridade marcaria o fim das gaiolas e a possibilidade dos pássaros voarem livremente.

A interdisciplinaridade, pensando o campo científico, seria, então, o meio de romper com a fragmentação e a especialização do saber, que ocorreram a partir de uma tendência da ciência moderna, pautada em um esgarçamento da totalidade do conhecimento, que passou, desde então, a constituir pequenas partes cindidas (POMBO, 2005). Nicolescu (1999) nomeia tal movimento de *big bang* disciplinar.

O modelo de racionalidade das ciências modernas foi constituído a partir do século XVI com a revolução científica. Embora no século XVIII tal modelo já influenciasse as Ciências Sociais, foi tão somente a partir do século XIX que se configurou um discurso hegemônico que desvalidaria todo conhecimento proveniente do senso comum e das humanidades. É o início de um modelo global de racionalidade científica, sendo o seu produto final a produção do conhecimento fragmentado e disciplinar (SANTOS, 2008).

Assim, a pesquisa interdisciplinar surge a partir da necessidade de investigações de um problema de pesquisa de forma abrangente, que extrapolasse os limites disciplinares (BICUDO, 2008). É a “interação entre diversas fronteiras do saber” (VASCONCELOS, 2002, p. 75), que promove mudanças estruturais nas relações de poder entre os diversos campos de saber/fazer.

Minayo e Minayo-Gómez (2003) são enfáticos quando destacam que a triangulação de métodos não pode ser vista como sinônimo de interdisciplinaridade, pois, a primeira está relacionada aos pressupostos metodológicos de uma investigação científica, enquanto a segunda refere-se à relação entre duas ou mais disciplinas.

Neste ínterim, é Minayo (2005) quem trata da relação entre interdisciplinaridade e triangulação de métodos. A partir de uma leitura de Denzin, Jick e Samaja, aquela autora aponta a triangulação como uma predisposição para o diálogo interdisciplinar, tendo em vista que o seu resultado é oriundo de dados de diferentes técnicas, além desse tipo de estudo ser uma tentativa de superação de dicotomias e disciplinas.

Embora a triangulação não seja sinônimo de interdisciplinaridade, pode ser um caminho para uma possível pesquisa interdisciplinar (MINAYO, 2005). É nesse sentido que o esforço do uso da triangulação de métodos em pesquisas interdisciplinares deve ser não apenas de trabalhar e articular diferentes métodos, técnicas, teorias e dados, mas também de ultrapassar as fronteiras disciplinares.

Todavia, como destaca Minayo (2005, p. 46), para a ocorrência do encontro entre a triangulação de métodos e a interdisciplinaridade, são necessárias três posturas, que embora possam parecer diferentes, se complementam entre si: “[1°] profundo respeito aos campos disciplinares; [2°] relativização da visão fragmentada de cada um deles; [3°] crença na capacidade dialógica dos pesquisadores frente a propostas teóricas e metodológicas diferentes e com os sujeitos que atuam no mundo da vida”.

E é com tal característica que a combinação de diferentes técnicas em uma pesquisa interdisciplinar torna-se um desafio para o pesquisador. Mesmo diante desses desafios, tal pressuposto, como bem destaca Santos (2009b), é também uma tentativa de desenvolver pesquisas mais precisas e interessantes, o que justifica a sua utilização e reforça a importância de utilizá-lo nas pesquisas interdisciplinares. O esforço deve ser contínuo, e

o diálogo entre os diferentes, sejam eles métodos, disciplinas, dados, investigadores, teorias ou técnicas, deve garantir a formação de arranjos interdisciplinares.

A seguir, ilustra-se tal desafio a partir da experiência de investigação que fez uso da triangulação de métodos como estratégia.

#### **A TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS E O CUIDADO ÀS PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS**

O fenômeno investigado, cujo relato da utilização da triangulação de métodos se situa, tratou da produção de cuidado às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHAs) – fruto da junção de dois temas complexos, a saber: 1) o cuidado em saúde pública; e, 2) a epidemia da *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (AIDS). Neste sentido, antes de tratar do uso da triangulação de métodos neste tipo de estudo, faz-se importante compreender a atual epidemia da Síndrome em questão e a configuração do cuidado aos sujeitos sob tal condição em saúde pública – um tema complexo que envolve diversos aspectos e dimensões.

#### **A EPIDEMIA DA AIDS (*ACQUIRED IMMUNODEFICIENCY SYNDROME*) E O CUIDADO ÀS PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS**

A AIDS é o último estágio da supressão imunológica causada pelo *Human Immunodeficiency Virus* (HIV), o que favorece o aparecimento de doenças oportunistas, podendo levar a morte. As formas de transmissão do vírus são: sexual, sanguínea e vertical, com destaque para a forma sexual como a principal forma de transmissão do vírus no Brasil e no mundo (GUTIERREZ et al. 2009).

A Síndrome em questão é considerada como uma das maiores epidemias infecciosas da história da humanidade. De acordo com Marques (2002), esta surgiu em um momento que se acreditava que as tecnologias e o saber médico haviam controlado as epidemias – época de grande confiança na ciência moderna e na Medicina.

De acordo com estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2015, havia no mundo cerca de 36,7 milhões de PVHAs. Destes, 2,1 milhões de casos foram identificados em 2015 (UNAIDS, 2016a). Já no Brasil, dados apontam que em 2015, aproximadamente 830 mil pessoas eram portadores de HIV, sendo que cerca de 13% sem diagnóstico (UNAIDS, 2016b).

Há algum tempo, o Ministério da Saúde (MS) tem anunciado uma estabilização da epidemia da AIDS no Brasil. Segundo Grangeiro (2016), um dos motivos do anúncio se refere a uma ligeira queda na incidência daquela Síndrome no período 2013-2014. Tal dado é visto com cautela por aquele autor, tendo em vista a complexidade que é o monitoramento da epidemia no País. Além disso, tem-se a disparidade regional do território brasileiro, onde a queda pode ser observada em uma Região, mas não em todas, perfazendo aí um fenômeno que pode ser observado desde o início da epidemia.

No último relatório da OMS sobre a epidemia da AIDS em todo o mundo – lançado em junho de 2016 –, o Brasil foi apontado como o País que concentra 40% das novas infecções pelo HIV da América Latina e Caribe. O relatório ainda destacou um ligeiro aumento de casos em adultos na América Latina desde o ano 2000, sendo que no Brasil, o aumento foi de 4% (UNAIDS, 2016b).

Tais dados apontam que talvez a epidemia da AIDS no País não esteja tão estável, exigindo uma resposta mais efetiva das autoridades em seu combate. Nos últimos anos, conforme Grangeiro (2016), é possível acompanhar uma redução de matérias e notícias veiculadas nos meios de comunicação, além da redução de outras ações de prevenção e o enfraquecimento das Organizações Não Governamentais (ONGs). Neste sentido, aquele autor destaca uma possível reemergência da AIDS.

De fato, pouco se trata da AIDS e poucas são as campanhas de prevenção na mídia relacionadas à infecção pelo HIV. Cada vez mais, as discussões sobre a epidemia são banidas do espaço público, emergindo matérias que veiculam sua possível estabilização (GRANGEIRO, 2016). Tais fatos levam a pensar sobre o quanto a AIDS e a infecção pelo HIV tem se constituído em um segredo público.

O termo “segredo público” é um conceito criado por Sharon Daniel (2006), a partir do seu trabalho realizado com mulheres encarceradas. Para aquela autora, existem dois tipos de segredos, a saber: 1) aqueles que devem ser mantidos à parte do público, secreto, ocultado ao conhecimento do público; e, 2) aqueles que são públicos,

ou seja, aqueles segredos cujo público seleciona e escolhe para que sejam mantidos privados e distantes de si mesmo. A sua artimanha é saber o que não se deve saber. Trata-se de entrar em silêncio e cair na negação quando se é confrontado com algum fato social maciço, como, por exemplo, o racismo, o preconceito, a pobreza e a AIDS.

Após todos esses anos de combate à epidemia, acompanhou-se uma negação da AIDS em um processo, como bem destaca Daniel (2006), de não reconhecimento daquilo que, de fato, já é reconhecido. A epidemia daquela Síndrome foi um fato que se escolheu manter em segredo público.

Ao comparar a epidemia da AIDS com outras doenças epidêmicas, é possível observar que suas repercussões assumem proporções que vão muito além da infecção: o impacto que aquela Síndrome causou (e que continua causando) foi devastador: ela causou pânico na população e repúdio aos infectados; confrontou a sociedade, questionou práticas, saberes e discursos, e colocou em evidência assuntos censurados no espaço público.

De fato, a epidemia de HIV/AIDS não envolve apenas questões biológicas, mas também questões sociais, jurídicas, religiosas, culturais, organizacionais, psicológicas, políticas, entre outras (TEIXEIRA, 1997).

É a partir disso que o cuidado às PVHAs é um dos principais desafios para a saúde pública. Concordando com Souza e Silva (2013), é preciso destacar que a AIDS trouxe consigo a necessidade de reformular a estrutura da atenção à saúde. Aquela Síndrome colocou o profissional de saúde em contato com questões incomuns no contexto do cuidado à saúde, como, por exemplo, a sexualidade, as diferenças, os comportamentos, as escolhas e a morte.

Neste sentido, lidar com o problema da AIDS exige não somente cuidados biomédicos, mas também de outras dimensões. O profissional precisa lidar com os (próprios) medos e preconceitos. “Todos esses aspectos reclamam uma abordagem do paciente de aids baseada numa visão mais abrangente e põem em cheque as limitações da medicina em seus moldes mais tradicionais” (SILVA et al., 2002, p. 109).

Mesmo depois de mais de três décadas de enfrentamento da epidemia, ainda não há cura para a AIDS e para a infecção pelo HIV. Porém, o seu tratamento evoluiu consideravelmente nos últimos anos, sendo possível identificar dois momentos diferentes no cuidado às PVHAs, a saber: 1) o período que antecedeu a identificação do vírus; e, 2) o aparecimento do Tratamento Antirretroviral (TARV)<sup>4</sup>. Assim, o que se podia verificar era um modo de atuação de acolhimento, pautado em uma política de não discriminação. Conforme Berkman et al. (2005), no Brasil, o eixo central sempre foi a batalha contra o estigma. Já o segundo momento se deu a partir do avanço da tecnologia, com o aprimoramento dos TARVs e dos exames de controle das células CD4+ e de carga viral. Estudos como o de Sanches (1997), Gusmán e Iriart (2009), Carneiro (2007) e Silva et al. (2002) discutem o uso de tais recursos na assistência às PVHAs e, em um consenso, afirmam que é possível verificar o quanto a tecnologia possibilitou um aparato científico para o cuidado daqueles indivíduos, contribuindo para melhores condições de vida e queda nos índices de mortalidade. Por outro lado, aqueles autores apontam o quanto o uso dessas tecnologias acabou reduzindo, muitas vezes, o atendimento às PVHAs ao controle do vírus, com base em uma lógica biomédica.

É nesse sentido que a abordagem da multidimensionalidade do HIV/aids e a importância de um atendimento integral às PVHAs foram o cerne do estudo que resultou a pesquisa intitulada *Do conhecimento individual à construção coletiva: diálogos e reflexões sobre o cuidado às pessoas com HIV/AIDS na perspectiva dos profissionais de saúde*, e que foi aqui utilizada para ilustrar a importância do uso da triangulação de métodos nos estudos interdisciplinares sobre o tema.

Assim, a seguir, tem-se a justificativa da importância da triangulação de métodos, enquanto estratégia de pesquisa, para uma compreensão multidimensional dos aspectos que envolvem o tema abordado, a partir do relato da experiência de pesquisa supramencionada.

#### **POR QUE UTILIZAR A TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS?**

Marques (2002) aponta que as epidemias são um campo privilegiado para desenvolver pesquisas científicas, uma vez que possibilitam analisar ações desenvolvidas e refletir sobre novos meios de atuação.

No Brasil, as pesquisas sobre a epidemia de HIV/AIDS são provenientes de vários campos disciplinares

<sup>4</sup> É a terapia medicamentosa utilizada por pacientes com HIV/AIDS na tentativa de controlar o retrovírus. Seu objetivo é inibir o progresso da imunodeficiência e restaurar a imunidade, promovendo, assim, melhoria nos índices de morbidade associadas, mortalidade e qualidade de vida dos portadores que realizam o tratamento (CORDEIRO; BACCARINI; POSSAS, 2010).

incentivadas pelo Plano Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS do MS, que considera um recurso importante para refletir sobre a epidemia e desenvolver estratégias de intervenções (VAZ, 2008). Neste sentido, basta uma simples busca pelos principais indexadores de revistas científicas para verificar o quanto à AIDS é um tema consideravelmente abordado, estando em evidência na comunidade científica. Porém, como pertencem a determinada disciplina ou campos, muitos desses estudos fragmentam os sujeitos, isolam respostas, limitam problemas e não contemplam um olhar multidimensional para a questão. Assim, para uma investigação efetiva sobre aquela Síndrome, faz-se necessário uma abordagem que possibilite ultrapassar as fronteiras disciplinares, superando o reducionismo especializado.

Borges, Sampaio e Gurgel (2012) apontam que é necessário ter o discernimento que nenhuma área/disciplina logrará sozinha abordar todos os aspectos que envolvem a epidemia de HIV/AIDS e o cuidado às PVHAs. E ainda, diante da complexidade que envolve o objeto de estudo em questão, é preciso compreender que apenas uma técnica ou método não conseguirá sozinho compreender toda a multidimensionalidade que envolve o cuidado àqueles sujeitos.

Logo, aqui se faz presente o papel da triangulação de métodos no contexto da pesquisa, cuja pretensão era trazer os elementos multidimensionais do cuidado às PVHAs. Através dessa estratégia de pesquisa, pretendeu-se conhecer as especificidades da oferta de cuidado, promovendo um diálogo entre as diversas disciplinas que abordam o tema e utilizando diferentes instrumentos para a coleta de dados. Neste sentido, o que esteve em voga foi a integração dos diversos aspectos envolvidos nessa questão e a necessidade de explorar tais aspectos na pesquisa científica.

Quando do início de uma nova pesquisa, Briceño-León (2003) sugere que é preciso questionar quais técnicas possibilitarão uma melhor compreensão, ou ainda, como integrar técnicas que viabilizem compreender melhor a realidade.

Com base nos apontamentos daquele autor e, buscando uma abordagem mais ampla sobre o fenômeno estudado, fizeram-se os mesmos questionamentos como ponto partida para o estudo do fenômeno em questão.

Brüggemann e Parpinelli (2008, p. 564), refletindo sobre a escolha metodológica em pesquisa científica a partir de uma leitura de Gil, Deslandes e Assis, destacam que “na escolha da abordagem [...], mais importante do que nomear o método, é ter o conhecimento sobre sua utilidade e adequação ao objeto que se propõe estudar [...]. É necessário ainda considerar quem produzirá o conhecimento e a quem esse irá servir”.

Assim, no presente estudo, tornou-se fundamental compreender que não é o objeto que deve se adequar ao método, mas, o método, ou ainda, os métodos, os instrumentos e a estratégia de pesquisa é que devem garantir uma abordagem mais abrangente do fenômeno estudado. Além disso, fez-se necessário, ao selecionar os instrumentos utilizados para a coleta de dados, ter a clareza dos motivos que levaram a sua escolha, além de conhecer suas limitações e possibilidades naquele contexto específico, antes do início da coleta de dados.

A seguir, tem-se a ilustração de tal desafio a partir da experiência de investigação que fez uso da triangulação de métodos como estratégia.

#### RELATANDO EXPERIÊNCIAS, COMPARTILHANDO ASPECTOS DA TRAJETÓRIA

O campo de investigação foi composto por três Serviços de Assistência Especializada (SAEs), referência em atendimento de PVHAs, de três Municípios diferentes, sendo incluído na amostra todos os profissionais de saúde que atuam na assistência às PVHAs e gestores, que manifestaram o desejo de participar.

Participaram deste estudo 45 profissionais e gestores, correspondendo a 72% do universo total de profissionais das instituições.

Diante da complexidade do tema em questão, fez-se uso de três instrumentos de coleta de dados, utilizados em momentos diferentes, a saber: 1) questionário; 2) entrevista semiestruturada; e, 3) grupo de discussão. Todas as etapas e todo o processo de coleta de dados foram realizadas entre os meses de fevereiro e novembro de 2016, sendo registrado, em diário de campo. Tal imersão na pesquisa possibilitou uma maior aproximação com o tema e com os participantes deste estudo.

A coleta dos dados aqui se deu após a aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com parecer favorável conforme o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) n. 51783715.7.0000.5404, sendo assegurada aos participantes a possibilidade de

desistir do estudo a qualquer momento, além da observância dos requisitos previstos na Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

No presente estudo, durante o processo de coleta de dados, levaram-se em consideração as palavras de Minayo (2010), que destaca que o participante não é neutro e possui as mesmas características daquele que o investiga. Neste sentido, a coleta de dados se deu a partir da relação, aproximação e troca mútua entre a pesquisadora e os participantes, em um processo constante que envolveu o encontro entre os diferentes, entre as singularidades.

Situações inusitadas ocorreram durante todo o processo de coleta de dados, como, por exemplo, a pesquisadora ser confundida como usuária do serviço ou como profissional de saúde. Neste sentido, a presença constante de alguém estranho àquele ambiente chamou a atenção de todos que frequentavam tal espaço.

A primeira fase da pesquisa foi a disponibilização de um questionário para os profissionais de saúde, fundamentado no modelo de pesquisa de levantamento, denominado *survey* ou pesquisa descritiva. Participaram dessa fase 41 profissionais de saúde.

Utilizada desde o século XIX, tal modal de pesquisa permite a descrição, explicação e exploração do fenômeno que se pretende estudar, possibilitando a coleta de dados objetivos (CALAIS, 2007). Aqui se optou pelo instrumento em questão tendo em vista a possibilidade do acesso à opinião de um maior número de profissionais de saúde, bem como o conhecimento da organização do processo de trabalho em torno do cuidado às PVHAs. Além disso, como não foi necessária a identificação, é de fé que o profissional se sentiu mais confortável para manifestar sua opinião. Este foi, também, um momento de conhecer os serviços, os profissionais de saúde e as atividades ali existentes e desenvolvidas.

O questionário utilizado nesta etapa do estudo foi autoaplicável e elaborado pela pesquisadora, sendo a sua estrutura composta por questões fechadas e questões dependentes.

A segunda fase da pesquisa foi a realização de entrevistas, cujo intuito era captar a percepção individual dos participantes sobre o saber/fazer do cuidado às PVHAs. É importante ressaltar que tal instrumento possibilitou, conforme destaca Minayo (2010), a coleta de dados de duas dimensões, quais sejam: 1) os dados “objetivos” sobre o tema proposto no estudo; e, 2) os dados sobre os sujeitos de pesquisa, ou seja, as crenças, os valores e as opiniões individuais.

Dentro das modalidades de entrevista, fez-se uso a de cunho semiestruturado. Esta é composta por questões fechadas e abertas (MINAYO, 2010), determinada *a priori*, de acordo com os objetivos do estudo.

As entrevistas neste estudo se configuraram como o momento de ouvir àqueles que produzem o cuidado em saúde. Embora da existência de um roteiro a ser seguido, o mesmo serviu apenas para balizar alguns temas importantes para a pesquisa em questão, não sendo utilizado como um instrumento estático e disfuncional. Logo, esse foi o momento, sobretudo, de escuta atenta para tudo aquilo que os partícipes tinham a declarar sobre o tema aqui proposto.

O grupo de discussão foi a última etapa deste estudo e, nesta fase, foi possível coletar dados a partir de uma construção coletiva entre todos os participantes.

O grupo de discussão é uma técnica de discussão grupal, qualitativa, que permite compreender determinado fenômeno a partir da produção coletiva, sendo o diálogo e a conversa entre os indivíduos a ferramenta básica de favorecimento de práticas investigativas de mecanismos sociais ocultos e latentes (MEINERZ, 2011; CASTRO et al., 2010).

De acordo com Santos (2009a), o grupo de discussão trabalha com a fala em uma perspectiva de discurso social, permitindo, assim, uma informação resultante da produção coletiva, diferente das informações oriundas de outras técnicas de pesquisa.

Vale ressaltar que neste estudo, o grupo de discussão teve uma grande aceitação pelos participantes, sendo possível identificá-lo como um momento dos profissionais refletirem sobre a práxis profissional e a organização do processo de trabalho na instituição. Em uma das instituições que ocorreu o grupo, muitos profissionais apontaram o quanto seria interessante se eles tivessem outros momentos como aquele dentro do serviço para refletir sobre o cuidado às PVHAs. Outros ainda questionaram a pesquisadora se ela não realizaria mais grupos como aqueles.

Para a análise dos dados, adotou-se o modelo proposto por Gomes et al. (2005), onde a organização, o

processamento, a análise e a interpretação dos dados na triangulação de métodos se dão em dois momentos, quais sejam: 1) análise interna do material; e, 2) análise contextualizada e triangulada dos dados. Assim, os dados foram organizados, analisados e descritos separadamente, a partir de análises estatísticas e de conteúdo, para somente *a posteriori* serem correlacionados e discutidos.

Tal proposta se apresentou adequada para o presente estudo diante da grande quantidade de dados coletados no campo. Todavia, foi possível verificar as potencialidades e os limites do uso da triangulação de métodos em uma pesquisa interdisciplinar sobre o cuidado às PVHAs.

#### OS LIMITES E POTENCIALIDADES DE ANÁLISE A PARTIR DA TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS

utilizar três instrumentos para uma coleta de dados é, sem dúvida, um desafio, pois, além de proporcionar maior clareza do fenômeno em estudo, possibilita também conhecer cada técnica e sua aplicabilidade. Neste sentido, foi possível verificar que em um determinado contexto um instrumento é mais adequado do que um outro.

O questionário – com suas limitações no que se refere a uma compreensão das singularidades – é um instrumento de fácil manuseio e permite coletar a opinião de um grande número de participantes em um curto espaço de tempo. Além disso, a análise de seus dados, que neste estudo se deu por meio da análise estatística descritiva, demandam um período de análise mais curto do que as entrevistas, por exemplo. Na pesquisa aqui apresentada, tal instrumento se mostrou adequado, uma vez que favoreceu a compreensão de como os Serviços de Assistência Especializada (SAEs) organizam o processo do trabalho nas instituições, bem como ter uma avaliação sobre os aspectos que influenciam diretamente no desenvolvimento das atividades – muitas vezes, não abordados quando o tema é o cuidado às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHAs).

No presente estudo, a entrevista semiestruturada foi o instrumento que mais demandou tempo para a sua realização, tendo em vista que estas dependiam da disponibilidade dos participantes e da própria rotina das instituições. Todavia, tal instrumento possibilitou conhecer como cada profissional compreende o cuidado às PVHAs, evidenciando os benefícios do seu uso neste estudo.

Já o grupo de discussão possibilitou refletir com os profissionais e compreender os processos grupais e como muitos temas são abordados pela equipe. Tal instrumento demonstrou-se adequado para o presente estudo, uma vez que possibilitou os atores sociais refletirem sobre suas práxis, além da possibilidade de observação dos aspectos da convivência entre os participantes. As limitações desse tipo de instrumento consistem no número de participante, onde grupos pequenos possibilitam uma maior troca entre os participantes, o que não possibilita a inclusão e um grande número de participantes. Além disso, a postura do pesquisador deve ser de intervir o mínimo possível, exigindo experiência *a priori* com entrevistas e com grupos, como propõe Santos (2009a).

Para Gomes et al. (2005, p. 199), o melhor método é sempre aquele que, em um determinado momento, “melhor se adequa à reconstrução teórica da realidade”. Neste sentido, compreende-se que, a partir do uso de diferentes instrumentos de coletas de dados e da sua triangulação, foi possível construir uma realidade com base em três perspectivas diferentes, a saber: 1) a que ofertou um retrato geral acerca da percepção dos profissionais de saúde que atuam no SAE; 2) a que trouxe os aspectos da percepção individual; e, 3) a que favoreceu a construção coletiva acerca do tema abordado.

Uma leitura exaustiva do material coletado possibilitou compreender as convergências e as divergências entre os dados e, para uma análise contextualizada, as anotações do diário de campo foram fundamentais neste momento. Neste sentido, é importante destacar que a análise de dados na triangulação de métodos exige do pesquisador maior empenho para interpretar e decodificar os dados, requerendo maior rigor metodológico durante todo o processo e um respeito a cada técnica de coleta de dados utilizado.

Compreender as divergências e as convergências entre os dados possibilitou desvelar o fenômeno estudado e conhecer a complexidade que envolve o cuidado às PVHAs. Em termos de análise, tal ação favoreceu e motivou o diálogo compreensivo dos dados com as diversas disciplinas que estudam o tema aqui abordado, sendo a triangulação uma predisposição para o diálogo interdisciplinar, conforme propõe Minayo (2005).

Dada a complexidade e considerando os limites de cada técnica, foi possível verificar, no decorrer da análise da experiência supramencionada, uma complementaridade das diferentes técnicas, a partir daquilo que se entendeu por consenso (dados que se corroboram) e dissenso (dados se divergem entre si). Para tanto, como bem destacam Gomes et al. (2005), fez-se importante compreender que um dado esclarece o outro,

possibilitando uma compreensão não mais em nível de discurso, mas em um nível de contexto.

O objetivo das linhas que se seguiram não foi de discutir sobre os resultados da pesquisa; porém, para ilustração daquilo que se nomeia de consenso e dissenso, é preciso destacar um dos aspectos observados ao longo do estudo. Durante os grupos, por exemplo, o acolhimento aparece como um ato primordial do cuidado às PVHAs. Mas, quando se confronta o dado coletado àqueles nos outros instrumentos, é possível verificar que nem sempre os profissionais acolhem as demandas dos usuários, tendo em vista que 39% afirmaram que abordam, às vezes, questões relacionadas à sexualidade, e 43% abordam, às vezes, questões sociais (preconceito e desemprego, por exemplo). Esse é um dado que ganha outra conotação ao se debruçar nos relatos individuais. A partir destes surgem as dificuldades dos profissionais de lidarem com temas específicos (preconceito, desemprego e sexualidade, por exemplo). Tal fato se dá pela falta de treinamento específico que deveriam ser ofertados pelas Políticas Públicas de Saúde, bem como pela falta de espaços para discutir tais temas dentro dos serviços de saúde. Além disso, há também tabus e conflitos morais dos profissionais de saúde em relação ao tema.

Ao comparar esses dados com a literatura sobre o cuidado, foi possível compreender que na saúde pública este assume diversos significados, ou seja, desde aqueles que se aproximam de uma definição mais filosófica (sendo o cuidado associado a ato de zelo e solicitude) (BOFF, 2005) até àqueles mais críticos oriundos da Sociologia do Trabalho, da saúde coletiva e das discussões de gênero, onde emerge a desvalorização do trabalho de cuidar e suas semelhanças com o trabalho doméstico e privado (SOARES, 2012). Além disso, têm-se as dimensões relacionais do trabalho de cuidar, abordadas pela saúde coletiva e pelas teorias feministas, que traz vários elementos da relação que se estabelece entre quem cuida e quem é cuidado, o que influencia diretamente na abordagem de tais aspectos.

Quanto aos limites do uso da triangulação de métodos, foi possível constatar que este se dá em dois níveis, a saber: 1) de ordem prática do desenvolvimento da pesquisa; e, 2) de ordem interdisciplinar.

De ordem prática destaca-se a grande quantidade de dados, o que exigiu maior empenho e tempo para coletar e analisar os conteúdos. Foram, ao total, 141 páginas de entrevistas transcritas, 32 páginas de grupo de discussão transcritos e 41 questionários transcritos.

De ordem interdisciplinar, destaca-se a dificuldade de lidar com diferentes teorias e conceitos das diversas disciplinas que abordam aquele tema. Além disso, não basta apenas conhecer o que cada teoria fala sobre aquele determinado assunto, mas sim, respeitá-las e abrir um diálogo entre elas, e esse é, sem dúvida, o grande desafio da triangulação métodos.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito de fazer uso de diferentes ferramentas de coletas de dados no mesmo estudo que, posteriormente, teriam seus dados triangulados, foi de compreender o fenômeno estudado a partir de diversos prismas. Neste sentido, cada instrumento possibilitou compreender a realidade a partir de uma perspectiva diferente, formando, ao todo, um mosaico construído a partir dos diversos dados obtidos do campo.

Como já mencionado, compreender que cada instrumento tem suas limitações é um modo de compreender que o fenômeno em estudo é complexo e multidimensional, e que a junção em um mesmo estudo de diversas ferramentas pode ser um meio de compreender o objeto a partir de diferentes perspectivas.

Trabalhar com a triangulação de métodos exige cuidado especial nas escolhas dos instrumentos e um rigor no procedimento de coleta e análise dos dados. O enfoque teórico conceitual deve ser selecionado com o mesmo cuidado e rigor da escolha dos instrumentos. O respeito às disciplinas devem ser o norte que guia as ações do pesquisador, e a possibilidade de transitar entre-as disciplinas deve ser o guia que abre a possibilidade de diálogo entre as diferentes abordagens.

Verificou-se, a partir da experiência de investigação, que a triangulação de métodos permitiu uma compreensão multidimensional do fenômeno estudado. No caso específico do cuidado às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHAs), tal estratégia possibilitou compreendê-lo a partir de três perspectivas diferentes que, em alguns momentos, se complementavam, e em outros, discordavam entre si, além de abrir novas possibilidades de diálogos interdisciplinares, levando a uma análise contextualizada e abrangente. Assim, é possível afirmar que a triangulação de métodos surge como uma ferramenta metodológica significativa nas

pesquisas interdisciplinares.

*In concluso*, mesmo diante das limitações, a triangulação de métodos traz grandes contribuições para o campo de pesquisa interdisciplinar, tendo em vista que tal pressuposto torna-se uma ferramenta importante para o diálogo entre as disciplinas, bem como a possibilidade de realização de pesquisas mais criativas, revelando-se uma estratégia metodológica diferenciada para compreender fenômenos complexos, cruzando diferentes pontos de vista.

#### REFERÊNCIAS

AXINN, W. PEARCE, L. Motivations for mixed method social research. In: AXINN, William; PEARCE, Lisa. **Mixed method data collection strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.1-27.

BERKMAN, A.; GARCIA, J.; MUÑOZ-LABOY, M.; PAIVA, V.; PARKER, R. A Critical Analysis of the Brazilian Response to HIV/AIDS: Lessons Learned for Controlling and Mitigating the Epidemic in Developing Countries. **American Journal of Public Health**, v.95, n.7, jul. 2005.

BICUDO, M. A.V. A pesquisa interdisciplinar: uma possibilidade de construção do trabalho científico/acadêmico. **Educ. Mat. Pesqui.**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 137-150, 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/1647>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BOFF, L. O. cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, Brasília, v.1, n.1, p. 28-35, out./mar., 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503/1689>>. Acesso em: 17 out. 2016.

BORGES, M. J. L.; S.; A. S.; GURGEL, I.G. D. Trabalho em equipe e interdisciplinaridade: desafios para a efetivação da integralidade na assistência ambulatorial às pessoas vivendo com HIV/Aids em Pernambuco. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 147-56, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n1/a17v17n1.pdf>>. Acesso em: 14 de jul. 2015.

BRICEÑO-LEÓN, R. Quatro Modelos de Integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de Investigação nas Ciências Sociais. In. GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R.M.G.; GOMES, M.H.A. (Org.) **O Clássico e o Novo**: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p.157-183.

BRUGGEMANN, O. M.; PARPINELLI, M. Â. Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v.42, n.3, p. 563-568, set. 2008. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342008000300021](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000300021)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

CALAIS, S. L. Delineamento de Levantamento ou Survey. In. BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. de. **Metodologia de pesquisa em ciências**: análise quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

CARNEIRO, A. J. S. **Cuidado profissional a mulheres com teste rápido positivo para HIV**. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em enfermagem, Universidade Federal da Bahia, 2007.

CORDEIRO, I. D.; BACCARINI, R.; POSSAS, C. Adesão no contexto da terapia antirretroviral no Brasil: Políticas Públicas e desafios. In. Brasil. **Adesão ao tratamento antirretroviral no Brasil**: coletânea de estudos do Projeto Atar. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

D'AMBROSIO, U. Educação para compartilhar desenvolvimento e sustentabilidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora UFPR, n. 15, p. 11-20, jan./jun. 2007. Disponível em: <[revistas.ufpr.br/made/article/](http://revistas.ufpr.br/made/article/)

[viewFile/11895/8389](#)>. Acesso em: 02 jun. 2015.

DANIEL, Sharon. The Public Secret: Information and Social Knowledge. Intelligent Agent, **The NetArt Initiative**, v.6, n.2, 2006.

DESLANDES, S. F.; ASSIS, S. G. de. Abordagens quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (orgs). **Caminhos do pensamento**: epistemologia e método, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p.195-219.

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). **Cies e-working paper**, Lisboa, n.60, p. 1-24, 2009. Disponível em: <[cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP60\\_Duarte\\_003.pdf](http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2017.

GIDDINGS, L. Mixed-methods research: Positivism dressed in drag? **J. Res. In Nursing**, v.11, n.3, p.195-203, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, R.; SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S.; MALAQUIAS, J. V.; SILVA, C. F. R. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. (ORGs) **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, 2005, p.185-222.

GRANGEIRO, A. Da estabilização à emergência: os desafios para o enfrentamento da epidemia de HIV e AIDS no Brasil. In. ABIA. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. **Mito vs Realidade**: sobre a resposta brasileira à epidemia de HIV e AIDS em 2016. Rio de Janeiro: Abia, 2016, p.16-21. Disponível em: <[http://abi aids.org.br/wp-content/uploads/2016/07/Mito-vs-Realidade\\_HIV-e-AIDS\\_BRASIL2016.pdf](http://abi aids.org.br/wp-content/uploads/2016/07/Mito-vs-Realidade_HIV-e-AIDS_BRASIL2016.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2016.

GURGEL, W. B. A triangulação em debate: considerações sobre o modelo minayano de avaliação por triangulação de método. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, v.5, n.1, jul. 2007.

GUZMÁN, J.; IRIART, J. A. B. Revelando o vírus, ocultando pessoas: exames de monitoramento (CD4 e CVP) e relação médico-paciente no contexto da AIDS. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.25, n.5, p.1132-40, maio 2009. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/csp/v25n5/20.pdf](http://www.scielo.br/pdf/csp/v25n5/20.pdf)>. Acesso em: 08 maio 2015.

GUTIERREZ, E. B.; ATOMIYA, A. N.; SEGURADO, A. C.; SANTOS, S. D. S.; LI, Ho Yeh; SARTORI, A. M. C.; LOPES, M. I. B. F.; BOULOS, M. I. C.; MELLO, V. A. Infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. In. MARTINS, M. A.; CARRILHO, F. J.; ALVES, V. A. F.; CASTILHO, E. A. (org). **Clínica Médica - Alergia e Imunologia Clínica, Doenças da Pele, Doenças Infeciosas**, v.7, São Paulo: Editora Manole, 2009.

JOHNSON, B.; ONWUEGBUZIE, A. J. Mixed Methods Research: A Research Paradigm Who's Time Has Come. **Educational Researcher**, v.33, n.7, p.14-26, 2004.

MARQUES, M. C. C. Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.9, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hesm/v9s0/02.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2016.  
MEINERZ, C. B.. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.36, n.2, p.485-504, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/>

educacaoerealidade/article/view/16957>. Acesso em: 25 mar. 2016.

CASTRO, Y. P.; LAIN, T. M.; GENOVÉS, E. Corredera; MOÑINO, N.; JIMÉNEZ, L. P. Grupos de discusión. **Métodos de investigación en educación especial**, p.1-9, 2010.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GÓMEZ, C. Díficeis e Possíveis Relações entre Métodos Quantitativos e Qualitativos nos Estudos de Problemas de Saúde. In. GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. MHA. (ORGs). **O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, p. 117-142.

MINAYO, M. C. S. Introdução: conceito de avaliação por triangulação de método. In. MINAYO, M. C. S.; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, 2005, p.19-52.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; ABRASCO, 2010.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. S.; CONSTANTINO, P.; SANTOS, N. C. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, 2005, p.71-104.

NICOLESCU, B. **Um novo tipo de conhecimento** - transdisciplinaridade. In. 1º Encontro Catalisador do CETRANS - Escola do Futuro - USP, Itatiba, São Paulo - Brasil: abr. 1999.

PARANHOS, R.; FIGUEIREDO FILHO, D. B.; ROCHA, E. C.; SILVA JÚNIOR, J. A.; FREITAS, D. Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n.42, p. 384-411, maio / ago. 2016. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/soc/v18n42/1517-4522-soc-18-42-00384.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2017.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liincem Revista**, v.1, n.1, p. 3 -15, mar. 2005. Disponível em: <revista.ibict.br/liinc/article/view/3082>. Acesso em: 17 nov. 2015.

SANCHES, R. M. A relação médico-paciente sob o signo da Aids. **Revista USP**, São Paulo, n. 33, mar./maio 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35028/37766>. Acesso em: 04 maio 2015.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, M. C. P.. O estudo do universo escolar através da voz dos jovens: o grupo de discussão. **Rev. Port. de Educação**, Braga, v.22, n.1, p.89-103, 2009a. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v22n1/v22n1a05.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2016.

SANTOS, T. S. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. **Sociologias**, Porto Alegre, n.22, p.120-156, dez. 2009b. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/soc/n22/n22a07>. Acesso em: 03 abr. 2017.

SILVA, N. E. K.; OLIVEIRA, L. A.; FIGUEIREDO, W. S.; LANDRONI, M. A. S.; WALDMAN, C. C. S.; AYRES, J. R. Limites do trabalho multiprofissional: estudo de caso dos centros de referência para DST/Aids. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n.4, supl.0, p.108-116, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4s0/11170.pdf>. Acesso em: 04 maio 2015.

SOARES, Â. As emoções do care. In: Hirata, H.; Guimarães, N.A. (org.). **Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo, Editora Atlas, 2012, p.44-60.

SOUSA, C. S. O.; SILVA, A. L. O cuidado a pessoas com HIV/aids na perspectiva de profissionais de saúde. **Rev. Escola de enfermagem USP**, São Paulo, v.47, n.4, p. 907-14, ago. 2013. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n4/0080-6234-reeusp-47-4-0907.pdf>. Acesso em: 04 maio 2016.

TEIXEIRA, P. R. Políticas Públicas em Aids. In. PARKER, Richard. **Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a epidemia no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar – Editora ABIA, 1997.

TEIXEIRA, J. C.; NASCIMENTO, M. C. R.; CARRIERI, A. Triangulação entre métodos na administração: gerando conversações paradigmáticas ou meras validações “convergentes”? **Rap**, Rio de Janeiro, v.46, n.1, p.191-220, jan./fev. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v46n1/v46n1a10.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

UNAIDS. **Global aids up date**. United Nations Programme on HIV / AIDS, 2016a. Disponível em: <http://unaids.org.br/wp-content/uploads/2016/07/global-AIDS-update-2016\_en.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

UNAIDS. **Prevention gap report**. United Nations Programme on HIV / AIDS, 2016b. Disponível em: <http://unaids.org.br/wp-content/uploads/2016/07/2016-prevention-gap-report\_en.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**. Epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, G. M. R. Métodos mistos e análise de relacionamentos de negócios. **Revista Pretexto**, Belo Horizonte, v.15, n.3, p. 74-89, jul. /set. 2014. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/2274>. Acesso em: 03 abr. 2017.

VAZ, R. S. L. **Padrões de disciplinaridade no campo de pesquisa sobre a AIDS: uma prospecção a partir de publicações periódicas e pesquisadores**. Dissertação de estrado em Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.